

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

B726"

Borba, Verônica Santos

"Anarquistas te convidam à Barbárie: cultura libertária nas páginas da revista Barbárie de Salvador- BA (1979-1982). / Verônica Santos Borba. - Santo Antônio de Jesus, 2022.

53 fls : il.

Orientador(a): Cristina Monteiro de Andrada Luna.

Inclui Referências

TCC (Graduação - História) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus V. 2022.

1.Anarquismo. 2.Imprensa Alternativa. 3.Contracultura. 4.Abertura Política .

CDD: 981



TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS E AUTORIZAÇÃO PARA
DISPONIBILIZAÇÃO DE OBRA EM ACESSO LIVRE

Autorizo a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), com sede na Rua Silveira Martins, 2555, Cabula, Salvador/BA, inscrita no CNPJ sob o nº 14.485.841/0001-40, a disponibilizar em formato digital, com acesso livre e gratuito, nos canais eletrônicos da Instituição, tal como o Repositório Institucional SaberAberto desta Universidade, a obra :

"AUNEQUISTAS TE CONVIDAM À BARBÁRIE": CULTURA LIBERTÁRIA NAS PÁGINAS DA
REVISTA BARBÁRIE DE SALVADOR-BA (1979-1982).

Data da Defesa: 14 DE JULHO DE 2022

Tipo do documento: TCC₁ TCCE₂ Dissertação Tese Artigo Científico
Livro Capítulo de livro Outro: _____

Represento e garanto que a obra cedida é original e de minha autoria/coautoria/organização e que assumo, portanto, a total responsabilidade pelo seu conteúdo.

A obra descrita acima será disponibilizada com acesso livre e gratuito, em caráter definitivo, em âmbito nacional e internacional.

Estou ciente de que é de comum acordo que a cessão dos direitos autorais se dá a título gratuito, nada tendo a exigir uma parte da outra a qualquer título.

Declaro que, para os devidos fins, o presente trabalho é de minha autoria e estou ciente:

- Dos Artigos 297 a 299 do Código Penal, Decreto-Lei n. 2.848 de 7 de dezembro de 1940;
- Da Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, que dispõe sobre os Direitos Autorais;
- Do Regimento Interno da Universidade do Estado da Bahia;
- Da lei 12.527 de novembro de 2011, que trata da Lei de Acesso à Informação;
- Da utilização da licença pública internacional *Creative Commons 4.0*;
- Que segundo o Código Penal dos Direitos Autorais no Art. 184 - plágio é crime. Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS, 15 DE DEZEMBRO DE 2022.
Local e Data

Venância Santos Brito
Assinatura do(a) autor(a)



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS V
COLEGIADO DE HISTÓRIA

VERÔNICA SANTOS BORBA

ANARQUISTAS TE CONVIDAM À “BARBÁRIE”: CULTURA LIBERTÁRIA
NAS PÁGINAS DA REVISTA BARBÁRIE DE SALVADOR-BA (1979-1982).

Santo Antônio de Jesus- BA

2022

VERÔNICA SANTOS BORBA

ANARQUISTAS TE CONVIDAM À “BARBÁRIE”: CULTURA LIBERTÁRIA
NAS PÁGINAS DA REVISTA BARBÁRIE DE SALVADOR-BA (1979-1982).

Artigo apresentado para conclusão de Curso
de graduação em Licenciatura em História da
Universidade do Estado da Bahia- UNEB.

Orientador (a): Profª Doutora Cristina Monteiro
de Andrada Luna.

Santo Antônio de Jesus-BA

2022

VERÓNICA SANTOS BORBA

ANARQUISTAS TE CONVIDAM À "BARBÁRIE": CULTURA LIBERTÁRIA
NAS PÁGINAS DA REVISTA BARBÁRIE DE SALVADOR-BA (1979-1982).

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento
de Ciências Humanas — Campus V em Santo Antônio de
Jesus-BA, como requisito parcial à conclusão do Curso
de Licenciatura História.

Aprovado em _____ de _____
de _____.

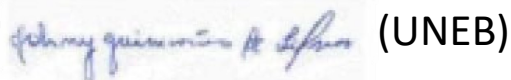
BANCA EXAMINADORA



Prof^a Dr.^a Cristina Monteiro de Andrada Luna (Orientadora)
(UNEB)



Prof. Dr. Ítalo Nelli Borges

 (UNEB)

Prof. Me. Johny Guimarães da Silva
(UNEB)

SANTO ANTÓNIO DE JESUS-BA

2022

AGRADECIMENTOS

Existe materializado aqui um enorme processo que envolve não somente os meus sonhos, minha luta e resistência para conseguir encerrar esse ciclo, uma gigantesca parte disso e de tudo que sou hoje, envolve pessoas, apoio, acolhimento e muita fé.

Agradeço aqui primeiramente as energias que me cercam, ao Deus que acredito e aos orixás que me dão caminho (*Loci Loci, Epi Epi Baba, Ogunhê*), a minha fé me fez acreditar em mim mesma confiando que tudo é possível.

Aos meus pais, em especial a minha mãe Rita, minha imensa gratidão, por sua luta em prol da minha educação, por sua reza, por seu amor comigo, por ser tudo.

Agradeço também a minha rede de apoio, minha companheira Daniela por ser uma grande parceria em todo esse processo e por ser essa pessoa iluminada que me incentiva a me iluminar.

As minhas amigas de colegial e infância, Haila e Larissa, sonhamos juntas e essa conquista não deixa de ser nossa também.

A minha orientadora Cristina Luna, pelo apoio, paciência e por saber me direcionar com perspicácia para que eu conseguisse finalizar esse trabalho.

Ao professor Vinicius França, pelo apoio e incentivo com essa pesquisa desde o início da minha graduação. Ao corpo docente do colegiado de história, meu muito obrigada.

Dedico esse trabalho aos meus avós maternos, Maria e João (*in memoriam*), pela ancestralidade que me fez chegar até aqui e que me fez ser quem eu sou. E por fim, reitero aqui a frase que me marca e que me ajudou a finalizar esse ciclo: “A fé na vitória tem que ser inabalável”.

RESUMO

A proposta deste trabalho é entender o pensamento político, social e cultural do coletivo Barbárie, através da principal fonte: os textos da revista Barbárie, publicada entre 1979 e 1982, fazendo uma correlação entre as matérias do periódico e a bibliografia em torno da temática discutida.

Analiso na primeira e segunda parte a inserção e prática dos pensamentos contraculturais e especialmente anarquistas no processo de publicação da revista. E, na terceira parte, discuto a *Barbárie* enquanto integrante da imprensa alternativa, em um contexto marcado por um processo de abertura política.

Neste trabalho, discuto aspectos relacionados a essa construção política que foi vivenciada pelo coletivo de estudantes, que através da revista, construiu uma ótica diferente sobre o período da ditadura-civil-militar e que tinham visões e perspectivas políticas dicotômicas de outros grupos que pensavam política, democracia e o papel do Estado, temas que eram discutidos através do pensamento anarquista impresso na revista.

Palavras-chave: Anarquismo, Imprensa Alternativa, Contracultura, Abertura Política.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es comprender el pensamiento político, social y cultural del colectivo Barbárie, a través de su principal fuente: los textos de la revista Barbárie, publicados entre 1979 y 1982, haciendo una correlación entre los artículos de la publicación periódica y la bibliografía en torno al tema tratado.

En la primera y segunda parte, analizo la inserción y la práctica del pensamiento contracultural y especialmente anarquista en el proceso de publicación de la revista. Y, en la tercera parte, hablo de Barbárie como miembro de la prensa alternativa, en un contexto marcado por un proceso de apertura política.

En este trabajo, discuto aspectos relacionados con esta construcción política que fue vivida por el colectivo de estudiantes, que a través de la revista construyeron una visión diferente sobre el período de la dictadura militar-civil y que tuvieron visiones dicotómicas y perspectivas políticas de otros grupos que

pensaban la política, la democracia y el papel del Estado, temas que fueron discutidos a través del pensamiento anarquista impreso en la revista.

Palabras clave: Anarquismo, Prensa alternativa, Contracultura, Apertura política.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. “BARBÁRIE, REVISTA DE CULTURA LIBERTÁRIA”	10
3. PENSAMENTO POLÍTICO E CULTURAL	20
3.1 Contracultura e anarquismo na revista <i>Barbárie</i>	28
4. A IMPRENSA ALTERNATIVA NO PROCESSO DE TRANSIÇÃO	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
6. REFERÊNCIAS.....	43
6.1 Referencias complementares	45
7. ANEXOS	48

1. Introdução:

São muitos os caminhos permeados na construção de um historiador, eles oferecem possibilidades que permitem a compreensão do seu papel perante a história. Os caminhos até aqui me fizeram compreender a história com um olhar mais analítico, crítico, entendendo que a nossa função não está associada exclusivamente a registrar datas e escrever sobre os grandes feitos, heróis ou estar alinhada a algum viés ideológico imposto pelo estado. O historiador deve entender seu papel social de contribuir para o entendimento crítico ao problematizar o fenômeno social-histórico que se dispôs a analisar.

Ao longo da minha trajetória acadêmica, bebi de diversas fontes e visualizei as possibilidades de construção do meu pensamento e prática enquanto historiadora. Começando pela *Escola dos Annales* criada em 1929 por Marc Bloch e Lucien Febvre com a abordagem da “história como problema” e em seguida me inspirei a partir das aulas de teoria pelas abordagens de Edward Palmer Thompson (1924-1993), e a famosa “história social britânica” com suas interpretações da história vista de baixo, através das classes marginalizadas e a sua relação com os demais setores da sociedade, é perceptível essa influência na forma como optei em utilizar a revista e o grupo de estudantes que a escreveram para escrever um recorte da contribuição da imprensa alternativa da Bahia sob o viés de grupos anarquistas.

Foram importantes as considerações de Eric Hobsbawm e sua visão sobre “O breve século XX” que contribuiu para uma leitura mais aprofundada e sobretudo crítica do passado e sua relação com a atualidade e com a História do Tempo Presente que foi um mapeamento importante na construção dessa pesquisa, sobretudo, levando em consideração a temporalidade do tema e sua intrínseca relação com a história oral e com as reflexões sobre memória e história. As historiadoras Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado em *Usos e Abusos da História Oral* foram essenciais apresentando uma interessante abordagem das diferentes dimensões da história oral e sua relação com o processo de pesquisa em história, tais como a ligação entre história e memória, os principais conceitos e estilos de investigação da fonte oral, interligações entre

história oral e história do tempo presente, tipos de entrevistas e formas de narrar trajetórias individuais e coletivas na pesquisa em história.

Dentre as fontes utilizadas, a revista foi, sem dúvida, a principal e a metodologia aplicada foi a utilização da correlação dos textos do periódico com a bibliografia existente sobre o tema e com a contribuição de entrevistas presentes em documentários, sites e na própria revista.

Divido esse trabalho em três importantes partes, a primeira apresentando a *Barbárie* e discutindo algumas temáticas existentes em cada um de seus cinco números. Na segunda parte discuto o pensamento político e cultural da revista, compreendendo o ideário anarquista e a inserção do mesmo nos anos 60, assim como sua relação com os movimentos contraculturais e como todo esse contexto de efervescência contribuiu para o surgimento do periódico. Na terceira e última parte discuto o contexto político vivenciado pelos membros que escreveram a revista: a abertura política, entendendo como esse grupo, através da revista, se posicionava em torno do processo de “anistia” e discutindo a visão de democracia defendida pela revista em relação a demais grupos que pensavam política e Estado dentro desse contexto, mais especificamente a relação do grupo de anarquistas que escreveu a revista com os demais grupos de esquerda presentes na universidade.

2. “Barbárie, Revista de cultura libertária”.

“Barbárie, Revista de cultura libertária”¹ era como denominava-se o periódico anarquista publicado pelo grupo de estudantes provenientes da Universidade Federal da Bahia-UFBA, na cidade de Salvador entre os anos de 1979 a 1982. Possuindo um formato editorial de revista com publicações A5 (metade de uma folha A4), disposta com grampos fixadores em sua lateral, a *Barbárie* não possuía uma diagramação consistente e nem padrão de cor e estilo de capa, que variaram entre cores diversas na parte externa e preto no branco em suas páginas internas, sendo que todas as ilustrações também eram em preto e branco. Em contrapartida possuía um bom número de páginas que variavam entre 32 com o seu primeiro número à 62 em seu último número.

Era comercializada de forma colaborativa nas universidades de Salvador, sendo resultado da constituição de um coletivo, formado por “Dario Tavares, Hilda Braga, Marcus do Rio, Celene Fonseca, Zé Melo, Eduardo Nunes, Edmundo Sento Sé, Cláudio Miranda e Renato Carvalho”², em conjunto com diversos colaboradores espalhados pelo Brasil e pelo mundo. O coletivo era formado em maioria por estudantes dos cursos de ciências sociais, filosofia e

¹ Barbárie. Salvador, Ano II, nº3, maio. 1980, p.1.

² Barbárie. Salvador, nº3, julho. 1979, p.1. Dentre os cinco periódicos analisados, as edições de número 1, 3, 4 e 5 apresenta em seu índice ou artigo de apresentação os nomes dos componentes do coletivo, essa relação corresponde ao periódico que mais colocou quantitativamente os nomes dos estudantes de maneira geral. Pois, cada edição possuía uma quantidade de artigos escritos pelos membros do coletivo e de colaboradores variados, o que fez com que alguns números tivessem alguns nomes e outros não. Dentre as entrevistas e textos da revista não foi explicado o motivo dessa diferenciação.

² O surgimento das ideias anarquistas se mostrou pertinente para um estudo mais aprofundado e conceitual ao longo do trabalho, utilizo o conceito de *grupúsculos da obra Revolução molecular* de Félix Guatarri (1987), que seria basicamente um grupo de pessoas (neste caso o grupo de estudantes que escreveram e editaram a revista) que compartilhariam da mesma ideologia política.

letras da UFBA, constituindo um “grupúsculo”³ de anarquistas baianos que se reunia periodicamente na Universidade e tinha como orientação política-ideológica discutir os principais pensamentos clássicos do anarquismo.

A revista possuiu cinco números, publicados de forma esporádica entre os anos de sua circulação. Em seu primeiro número⁴, publicado em 1º de julho de 1979, o coletivo se apresenta descontente com o contexto político marcado por uma ditadura-civil Militar⁵ em seu processo de “abertura” e “anistia”, opondo-se ao que considerava uma barbárie de fato, “destruidora do mundo atual”, e propondo sua substituição por uma outra perspectiva que é apresentada da seguinte forma:

“Em contraposição à “Barbárie” destruidora do mundo atual, contrapomos outra, libertária e criativa, que nascerá dos escombros dessa primeira. Ao invés do trabalho escravizado e rotineiro, propomos o “direito à preguiça”, o trabalho livre e associativo, autogerido. Ao controle dos nossos corpos pelos poderes (pais, educadores, médicos, etc.) sugerimos o direito de dispor de nossos corpos e deles retirarmos todos os prazeres. Em oposição à civilização moderna, burocrática e hierarquizada, propomos a “barbárie” criadora. E libertária.”
(*Barbárie*. Salvador, n.1, jul. 1979, p.2)

Inspirados pelas ideias clássicas do pensamento anarquista (especialmente pela crítica à uma democracia liberal parlamentar e burguesa) seu primeiro número teve como temáticas a autogestão entre os indígenas, uma entrevista com Noam Chomsky sobre a sociedade anarquista, artigos sobre a imprensa operária no Brasil, além de traduções de textos sobre pedagogia libertária e sociedades socialistas no mundo. É possível observar alguns anúncios em sua primeira edição, como também nas demais, além de um valor

⁴ Figura 5.

⁵ Termo utilizado por René Armand Dreifuss, por ser um dos mais adequados para compreender as relações de poder vinculadas a esse período. Para o autor, as articulações em torno da destituição do Governo de João Goulart e a tomada de poder pelos militares, foi um processo que teve importante colaboração de grupos civis, tais como o IPES (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais) e IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), que se configuravam centros de articulação da direita que apoiou o golpe. Ver: DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado*. Ação Política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981.

estimado de 30 “CR\$” (cruzeiros)⁶ cobrados por exemplar, o que era de esperar, levando em consideração que a revista era produzida de forma independente. Em seus “reclames” é possível observar uma rede de colaboração anarquista possuindo destaques para diversos periódicos (*Lampião da Esquina*, *Revista Metanoia*), gráficas e especialmente a divulgação e colaboração do Jornal *O inimigo do Rei*.

O *Inimigo do rei* foi um importante periódico anarquista que fez parte do surgimento da *Barbárie*, Eduardo Nunes, um dos idealizadores da revista descreve sobre seu surgimento a partir de um “racha” ocorrido pelos membros que faziam parte da organização do Jornal e que a partir daí idealizaram a revista:

“Depois do terceiro número d’*O Inimigo do Rei* houve um cisma, um conflito entre as diferentes posições das ações libertárias dentro e fora do movimento estudantil. No meu entendimento, achava que precisávamos ter ações mais efetivas dentro do movimento estudantil, não ficar somente na crítica aos outros movimentos, e sim ter ações concretas. Daí a proposta de a Federação Livre Estudantil ter ações concretas e participação. Além da participação do movimento estudantil, eu e um grupo de pessoas achávamos que tínhamos de fazer trabalhos em bairros. E isso não estimulava uma parte do grupo do *IR* que preferia ficar dentro do jornal, nas ações próprias do movimento estudantil. Em função disso a gente teve desentendimento. Uma parte, quase metade do grupo que formava o núcleo duro do *IR*, se separou. Alguns ficaram nos dois grupos, sem problema, ninguém discriminou ninguém (*risos*). Foram essas ações que foram nos mobilizando para os bairros, sobretudo um dos bairros onde morava um dos integrantes do grupo, que era o Antônio Fernandes, um trabalhador rural, camponês, que morava na periferia, em Valéria. Então, passamos a agir, além de dentro da universidade, nos movimentos de bairro.” (Eduardo Nunes. Entrevista. Acesso em: 23 maio. 2022)⁷

Barbárie e *O inimigo do rei* possuíam algumas diferenças, dentre elas se observa, o formato, a *Barbárie* possuindo formato A5 e o Jornal em formato de tabloide, a quantidade de números e o tempo que foram publicados. *O inimigo do rei* pode ser considerado o Jornal anarquista que teve o maior tempo de

⁶ Moeda que vigorou de 1970 a 1986.

⁷ NUNES, Eduardo. Foucault, *Barbárie* e outros ismos. [12 abr. 2019]. *Youtube*. Canal da Biblioteca Emma Goldman. Disponível em: https://youtu.be/w9_6dTUX21w.

circulação, sendo editado durante os anos de 1977 a 1988, totalizando 22 números, enquanto a *Barbárie* somou 5 números entre os anos de 1979 a 1982. Uma outra diferença diz respeito a abordagem do conteúdo anarquista nas páginas, pois, embora abordassem temas, como autogestão, anarquismo, movimento operário, minorias sociais, crítica ao marxismo, havia um tom satírico muito presente em *O inimigo do rei*, que se diferenciava da abordagem mais teórica, apresentada na *Barbárie*. No entanto, ambas traziam elementos contraculturais significativos: a poesia, a arte expressa das ilustrações, as referências musicais e demais elementos pertencentes ao movimento contracultural efervescente da época.

Em seu segundo número, também publicado em 1979, *Barbárie* apresenta temas sobre o anarcosindicalismo na Espanha, um artigo do professor paulista Luiz Alfredo Galvão que faz uma crítica ao marxismo doutrinário e a cultura, além de um texto de Cornelius Castoriadis⁸ sobre a educação sexual na União Soviética. Neste exemplar, a revista em nome do Coletivo *Barbárie* enfatiza ao leitor o sua principal característica e ideário de publicação:

“Nesse segundo número da revista reafirmamos uma das principais características que ela possui, ou seja, a de ser um veículo de informação aberto para o debate e para todos os posicionamentos libertários, ao mesmo tempo que responde contra toda forma de golpismo e oportunismo. Não temos a pretensão de sermos os únicos ou os melhores que assim pensam, e se assim o fosse, estaríamos profundamente inquietos e descontentes. O vigor das ideias libertárias cresce e aprofunda-se em todas as partes do mundo. Estamos lutando incansavelmente não para sermos os únicos ou os melhores, mas para que todos possam ter uma consciência livre de toda forma de poder e escravidão. Procuramos em cada número discutir os diversos aspectos do pensamento libertário. Com isso tentamos evitar o sectarismo e a repetição de uma verdade

⁸ Castoriadis foi um dos principais defensores da ideia da autonomia política, assim como Chomsky. Foi um dos criadores do grupo Socialismo ou Barbárie, que deu origem a uma revista de mesmo nome e que talvez tenha influenciado simbolicamente no nome dado ao Coletivo e à *Barbárie* baiana. Ver: MAIA, Gretta Leite. *Introdução ao pensamento político de Cornelius Castoriadis e sua aplicabilidade na compreensão da democracia*. Revista do curso de Mestrado em Direito da UFC, São Paulo, 2018.)

Ver: CASTORIADIS, Cornelius. *O mundo fragmentado. As encruzilhadas do labirinto*, v. III. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987-1992.

única, que seriam absolutamente contrários à anarquia. É importante que os leitores participem desse debate, criticando e colocando suas posições, seja através de artigos, cartas ou de outra forma.” (*Barbárie*, Salvador, n.2, 1979, p.

2)

É importante observar o posicionamento da revista para com os seus leitores, pois a cada edição é possível identificar a forma provocativa como o coletivo se mostra disposto ao diálogo e à troca de ideias, gerando assim, uma rede colaborativa que ultrapassava as articulações políticas construídas dentro da universidade, se estendendo a colaborações de uma considerável rede de jornais e revistas alternativos espalhados pelo Brasil e pelo mundo.

A revista de número três, publicada em maio de 1980, aborda a crise da Confederação Nacional do Trabalho (CNT)⁹ no período pós-franquista na Espanha, a revolta dos Búzios na Bahia em fins do século XVIII e um artigo de Marcos do Rio sobre autogestão. Nesse número, é possível observar uma maior concentração de debates em torno das principais ideias anarquistas, entre elas a crítica ao Estado, as articulações políticas dos movimentos de libertação, além dos elementos contraculturais fortemente presentes nas publicações de poesias, contos e ilustrações. O número também conta com divulgações de cartas de leitores, publicações e endereços de organizações anarquistas espalhadas pelo mundo, como a correspondência escrita por um grupo de libertários exilados na Itália, que desejavam receber assiduamente a revista:

“Queridos companheiros do Coletivo Barbárie: Temos lido os dois primeiros números da vossa publicação, a revista Barbárie. Somos um grupo de companheiros latino-americanos, exilados em Itália, interessados em receber a revista com assiduidade. Por isso queríamos nos comunicar com vocês, para que nos enviassem a revista e o preço de uma assinatura para a Itália. Também queríamos saber, se vocês conhecem a existência de outras publicações libertárias no Brasil. Saudações libertárias. MILÃO” (*Barbárie*, Salvador, ano II, n3, 1980, p 36.)

O penúltimo número da revista editado em 1981 foi dedicado de forma especial ao tema anarquismo no Brasil e no mundo, com o editorial de Dário Tavares, a revista discutiu pensamento anarquista, imprensa e cultura libertária,

⁹ Confederação espanhola de sindicatos autônomos de ideologia anarco-sindicalista existente desde 1910: Vários autores (2001). *Anarcosindicalismo básico*. Sevilla: *Federación Local de Sindicatos de Sevilla de la CNT-AIT*.

com os artigos de Eduardo Nunes, Hilda Braga e Edgar Rodrigues, além de um texto inédito da palestra de Michel Foucault na faculdade de filosofia da UFBA. Nessa mesma edição, a *Barbárie* apresenta também uma entrevista com os sindicalistas Antônio Mendes, que na época era diretor do Instituto Socioambiental de Valéria ¹⁰e José Mendes do Sindicato de Trabalhadores de Quixeramobim (Ceará).

No documentário intitulado “Foucault na Bahia: a liberdade nunca é demais” dirigido por Victor Pereira Souza com produção de Jamile Santos, Ricardo Liper, editor do *O inimigo do Rei*, fala da participação dos periódicos anarquistas na documentação da palestra de Foucault na UFBA:

“Realmente éramos coerentes com o que pensávamos, não tinha nenhum tipo de censura, e as pessoas apenas tinham aquele espaço (...) e o sucesso foi grande, interessante, sem ninguém para selecionar coisa nenhuma, a coisa foi anarquista mesmo, até na maneira de fazer. Na *Barbárie* “As malhas do poder”, que foi a palestra de Foucault aqui na Faculdade de Filosofia, eles assistiram a palestra e um professor que traduziu deu o texto para eles publicarem”. (Ricardo Liper. Entrevista. Acesso em: 19 junho 2022)¹¹

Eduardo Nunes, ouvinte das conferências de Foucault em 1976 e membro do coletivo, fala sobre a experiência de construção da publicação da entrevista de Foucault na revista:

“Nesse momento todo, foi um momento de crescimento político, meu, mesmo já com embasamento teórico e tal, a Universidade, a Faculdade de Filosofia também instrumentalizou mais ainda essas áreas. E ai em 80 exatamente, a gente discute, se tem acesso, eu tive acesso aquela conferência pela segunda

¹⁰ O Instituto Socioambiental de Valéria foi um Instituto idealizado pelo Sindicalista Antônio Mendes (também membro-colaborador do coletivo Barbárie), localizado no Bairro da Valéria, periferia de Salvador- Ba no ano de 1971. O Instituto tinha como objetivo promover ações sociais no bairro como “cursos de horta, pomar e jardim, permacultura, educação ambiental, práticas alternativas de medicina natural, projetos de alfabetização ecológica e produção de mudas.” Disponível em: isva-institutosocioambientaldevaleria.blogspot.com. Acesso em: 16 junho. 2022.

¹⁰ LIPER, Ricardo. Foucault na Bahia: a liberdade nunca é demais. [3 março.2015]. *youtube*. Labeledisco UESB/CNPq. Disponível em: <https://youtu.be/V033HEFLmpk>. Acesso em: 19 junho. 2022.

vez, na conferência com a tradução simultânea feita por Ubirajara, e transcrita por ele, a coisa dos arquipélagos do poder, que tem na revista, uma das falas dele, são coisas exatamente que a gente estava nesse momento discutindo, a revelia digamos assim da própria tendência mais Marxista, que vigorava muito na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, eu acho que Foucault era um crítico desta perspectiva”. (Eduardo Nunes. Entrevista. Acesso em: 19 junho 2022)¹²

O quinto e último número da *Barbárie* de 1982 reuniu textos de Michel Foucault, William Burroughs e Guy Debord, um artigo sobre a revolta de estudantes residentes da UFBA e demais textos que abordavam o movimento estudantil universitário e sua relação com o contexto da época.

A publicação da revista em torno da revolta dos estudantes residentes da UFBA, mostra um importante campo de atuação do coletivo, que é o ligado ao movimento estudantil, utilizando a revista como forma de protesto para pautas dos estudantes. No artigo, a revista faz um levantamento histórico que vai de 1976 a 1981, reunindo eventos relacionados a luta política dos estudantes por melhores condições estruturais para as residências estudantis e restaurante Universitário. No artigo, a revista faz fortes críticas à gestão de superintendência estudantil, através de seu histórico reacionário ligado a nomeação do torturador e ex-diretor da Penitenciária lemos de Brito, Osmundo Tosca, em 1977.

“Além da atuação nefasta desse grupo, a repressão intensa por parte do Estado acarretou um descenso do Movimento Estudantil, com o corte de 65 residentes/comensais e a nomeação do torturador e ex-diretor da Penitenciária Lemos de Brito, Osmundo Tosca, para o cargo de Superintendente Estudantil, em 77. Houve uma queda na organização interna da Casa, com a atuação do Movimento de Alienação Juventude Protasiana _ Protásio era o funcionário encarregado de distribuir com esses estudantes, através da Superintendência Estudantil, material esportivo, cerveja, bolsas de estudo, ajuda financeira, e até mesmo picolés e sorvetes (ou o doce na boca da criança) e estavam autorizados a apontar os colegas que participaram de movimentos de cunho político” (*Barbárie*, Salvador, n.5, 1982, p. 3)

De acordo com o artigo, esses estudantes residentes constituíam um movimento político organizado dentro da universidade, participando de intensos

¹² NUNES, Eduardo. Foucault na Bahia: a liberdade nunca é demais. [3 março.2015]. *youtube*. Labedisco UESB/CNPq. Disponível em: <https://youtu.be/V033HEFLmpk>. Acesso em: 19 junho. 2022.

embates com a Reitoria e a Superintendência Estudantil da época, que já estavam concomitantemente realizando um intenso processo de repressão para com esses movimentos. Na reunião desses eventos, o artigo pontua que em março de 1981:

“(...) quando da visita a Salvador do Ministro da Educação, General Ludwig, para a inauguração do Campus e do novo RU, em Ondina, os residentes, através da ULRC¹³, lhe fizeram entrega de uma carta onde colocavam sua situação e reivindicaram a manutenção das Residências Estudantis e a gratuidade dos Restaurantes Universitários, criticando a política de implantação do ensino pago do MEC, exigindo também do Ministro um esclarecimento acerca do documento destinado à ASI, o qual declarou desconhecer a procedência desse documento e a existência de órgãos de segurança ligados ao seu Ministério.” (*Barbárie*, Salvador, n.5, 1982, p. 8).

Demarcar esses eventos descritos na revista é importante para compreendermos como o periódico constrói o caminho, que resultou no fatídico dia 16 de 1981, quando ocorreu a ação repressora de agentes do Estado contra os estudantes residentes:

“Respaldados por atitudes como essa por parte da própria direção do movimento estudantil, o Reitor e o Superintendente intensificaram as pressões contra os estudantes. Datada a 7 de abril, chega as mãos dos residentes uma intimação, assinada pelo Reitor Macêdo Costa, para que desocupassem o prédio no prazo de 48 horas, ameaçando-lhes de penalidades disciplinares “sem prejuízo das medidas jurídicas”. No dia 16 os residentes acordam sobressaltados antes da cinco da manhã: aos pontapés, todos os quartos foram arrombados e os estudantes retirados das camas por agentes da Polícia Federal sob a mira de revólveres e metralhadoras. Nos corredores em volta da Casa, cerca de duzentos policiais da tropa de Choque da PM se postavam em fileiras, armados de bombas de gás lacrimogênio e metralhadoras, bloqueando também todas as saídas, desde o Campo Grande até o largo da Vitória. Os estudantes foram postos do outro lado da rua sem lugar para onde ir, tendo sido todos os seus pertences apreendidos ilegalmente pela Polícia Federal. Por megafone, a seca ordem de se dispersarem e a comunicação de que a casa não mais lhes pertencia.” (*Barbárie*, Salvador, n.5, 1982, p. 9).

¹³ A União Livre dos Residentes/Comensais (ULRC), foi uma entidade autônoma que reunia estudantes moradores da Residência Universitária da UFBA, criada em 1979, se tornou uma organização política que foi organizada para lutar em prol de melhores condições para Residência Universitária da UFBA.

A *Barbárie* fez parte de um grande nicho de periódicos alternativos, que estão inseridos na imprensa chamada de “nanica”¹⁴, surge em um contexto de grande efervescência política entre os debates ideológicos do meio universitário, contribuindo para o cenário da imprensa soteropolitana como uma proposta alternativa de cunho anarquista construída a partir do pensamento social, cultural e político em torno do anarquismo.



¹⁴ De modo geral, a imprensa alternativa ou “nanica” é um termo utilizado para designar jornais, revistas, periódicos produzidos de forma independente por movimentos revolucionários, de esquerda, ou de grupos políticos que possuíam como vertente alguma oposição “ao regime vigente”. Discuto sua conceituação de forma aprofundada na terceira parte deste trabalho.

Figura 1: Documento confidencial destinado à Superintendência estudantil em 1980 divulgado pela revista *Barbárie*.

Fonte: (Barbárie Salvador, n 10, 1982)

3. “Flores para os rebeldes que falharam”¹⁵: Pensamento Político e Cultural na Revista Barbárie.

A construção da revista Barbárie esteve predominantemente ligada as principais ideias sobre o anarquismo e sua relação com o movimento contracultural no Brasil. Pensar essa relação, é demarcar primeiramente a construção do ideário e da prática anarquista sob duas perspectivas, conforme aponta Foot Hardman (1983)¹⁶, as diferenças entre aquele anarquismo histórico (profundamente ligado ao movimento operário) e as propostas de pensamento ideológico anarquista retomadas a partir dos anos 60, que como identifica Ibáñez(2014), estiveram ligadas ao contexto dos movimentos de oposição à Guerra do Vietnã, as agitações estudantis dos EUA e da Europa e “a fabulosa explosão de maio de 68 na França” (Ibáñez, 2014 p.19)

“Claro que, embora com fortes tons libertários em sua essência, maio de 68 não era anarquista; mas inaugurou, entretanto, uma nova radicalidade política que estava em sintonia com a obstinada obsessão anarquista em não reduzir somente o âmbito das relações econômicas e de produção a luta contra os dispositivos de dominação, contra as práticas de exclusão e contra os efeitos de estigmatização e discriminação.” (Ibáñez, 2014. p.19-20)¹⁷

O anarquismo tem seu surgimento no final do século XIX e início do século XX, surge na Europa possuindo um caráter ideológico e político ligado ao

¹⁵ Frase presente no artigo lutas de libertação de Renato Carvalho (barbárie ano II nº 3 salvador BA, maio de 1980). Neste artigo o autor discute os principais pensamentos anarquistas, criticando o estado e apontando sua função dentro da ótica capitalista, discutindo o ideário anarquista em torno do pensamento de libertação e luta por um socialismo avançado, e discutindo a função do partido e como grupos minoritários, mulheres, negros, homossexuais estão inseridos nesse processo político. A escolha da frase pra compor o título dessa parte do artigo, é justamente evidenciar a construção do pensamento anarquista presente na Bahia pontuando sua prática na primeira república até o surgimento da revista.

¹⁶ HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão! Vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

¹⁷ Tradução livre: “Por supuesto, aunque con fuertes matices libertarios en su esencia, Mayo del 68 no era anarquista; Sin embargo, inauguró un nuevo radicalismo político que estaba en sintonía con la obstinada obsesión anarquista de no sólo reducir el ámbito de las relaciones económicas y de producción a la lucha contra los dispositivos de dominación, contra las prácticas de exclusión y contra los efectos de la estigmatización y la discriminación.”

contexto de formação dos estados nacionais e a expansão da Segunda Revolução Industrial. Aparecendo como uma proposta política que defende uma organização sindical autônoma, em discordância de uma proposta de democracia parlamentar burguesa, profundamente ligada à crítica e defesa da extinção do Estado, da Igreja e da propriedade privada no processo político de emancipação da classe trabalhadora.¹⁸

No Brasil, seu surgimento é discutido pela historiografia através dos estudos sobre experiências anarquistas a partir de 1890, com a fundação da Colônia coletivista de italianos no Paraná chamada Cecília¹⁹, embora existam estudos que apontem experiências anarquistas antes deste período²⁰. De todo o modo, como sinaliza Oliveira (2009):

“(…) observa-se na década de 1890 a presença de militantes anarquistas chegados do exterior em meio às ondas migratórias que vinham sobrecarregar a oferta de braços, principalmente para as lavouras cafeeiras dos latifúndios paulistas. E com os anarquistas, ampliava-se o medo da classe dominante, ressabiada com as possíveis conturbações sociais que poderiam surgir nesse período de incerteza dada pelo fim da escravidão e pelo novo regime” (OLIVEIRA, 2009, p. 49-50).

As ideias anarquistas que aparecem na primeira república foram construídas a partir das articulações do movimento sindical operário nos grandes centros urbanos. Se destacam aqui eventos ligados a greves e manifestações de operários desencadeadas especialmente pela Greve Geral de 1917.²¹:

¹⁸ Ver: VASCO, Neno. *Concepção anarquista do Sindicalismo*. Porto: Afrontamento, 1984.

¹⁹ FELICI, Isabelle. A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi. *Cadernos AEL: anarquismo e anarquistas*, Campinas, Unicamp, V 8-9, 1998.

²⁰ Ver: RODRIGUES, Edgar. Os anarquistas: trabalhadores italianos no Brasil. São Paulo: Global Editora, 1984, p. 16-21. O autor menciona a experiência anarquista vivenciada em 1988 pela comunidade fundada pelo italiano Arthur Campagnoli em Guararema, São Paulo, composta por anarquistas *espanhóis, russos, franceses, brasileiros* e especialmente italianos como uma importante ação de resistência de grupos políticos que não eram necessariamente ligados à experiência operária na luta por sua emancipação.

²¹ Greve Geral de 1917 ocorrida no bairro da Mooca, reuniu trabalhadores, homens, mulheres e crianças na Fábrica Crespi, área de concentração de indústrias e trabalhadores. Os operários iniciaram o movimento reivindicando aumento salarial e reorganização da hora de trabalho, contando com a participação ativa de sindicalistas, socialistas e principalmente anarquistas, que se estendeu por diversas manifestações sociais em todo Brasil. Ver: CAMPOS, Cristina Hebling.

“Embora não tenha resultado em grandes conquistas para todas as categorias, as greves de julho foram muito importantes para a expansão e o fortalecimento das organizações sindicais, de características bastante heterogêneas, que iam de um sindicalismo mais propriamente reformista ao sindicalismo revolucionário e ao anarquismo.” (TOLEDO, 2017, p. 505).

No artigo intitulado: “Brasil: Os anarquistas Contra a Velha autoridade”, a *Barbárie* também aborda a contribuição dos anarquistas e da imprensa libertária no processo de disseminação da educação anarquista, e na luta sindical em prol das demandas dos operários nas diversas manifestações anárquicas iniciadas na primeira república:

“Concomitantemente à veiculação dos ideais libertários os anarquistas fundaram em cada associação, união e sindicato escolas para alfabetização dos operários e filhos. (...) os pais operários embrutecidos pela péssima condição de vida e sob carga horária de 12 horas de trabalho, tinham dificuldades de aprendizagem, visando suprir esta deficiência dos operários os anarquistas criaram códigos orais com a finalidade de comunicação direta para organização das classes trabalhadoras. Outro aspecto se faz presente no processo cultural realizado por grupos anarquistas junto à classe operária, promoviam nas associações conferências/palestras que eram proferidas pelos operários, e fundaram grupos de teatros nas associações tendo como atores os próprios operários que encenavam a realidade social-vivida.” (*Barbárie*, Salvador, ano 3, n 4, 1981, p.5.)

É importante demarcar essa percepção do movimento anarquista alinhado a luta sindical, embora os estudantes escritores da revista estivessem em um outro contexto, demarcado por um outro lugar, onde discutiam anarquismo através de seu viés ideológico, as inquietações assumidas pelos anarquistas junto ao movimento sindical e as lutas de libertação, são discutidas nas páginas da revista como também vivenciadas por seus membros.

Em “flores para os rebeldes que falharam” a *Barbárie* discute os movimentos de libertação espalhados pelo mundo, a partir de uma abordagem crítica do que seria uma ação revolucionária, questionando aquelas alinhadas sob uma ótica reformista e partidária defendida pelos movimentos de esquerda. A revista se posiciona a respeito do movimento operário alinhado a esse processo revolucionário, não como uma crítica direta ao proletariado, mas como

O sonhar libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

uma inquietação sugestiva de uma outra proposta revolucionária, sob, é claro, pela perspectiva anarquista:

“Entendo o fator revolucionário dos movimentos de libertação tanto quanto no movimento operário- na medida em que ele também é um movimento de libertação as razões básicas que levam a existência desses movimentos só encontraram suas soluções efetivas desde uma visão revolucionária e não reformista. Como falou Emanuel do grupo “Somos”..”lutamos por um socialismo que seja mais avançado que os modelos já existentes...”Qualquer outra será mero reformismo, inclusive a simplificação feita pelo esquerdão.” (*Barbárie*, Salvador, ano 2, n 3, 1980, p.7-8)

É possível identificar também em outros periódicos anarquistas da primeira república, essa discussão a respeito das articulações políticas entre movimentos revolucionários. A *plebe*²², importante jornal anarquista da época, noticiava as reivindicações dos trabalhadores do movimento operário em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e também na Bahia. O jornal chegou a noticiar, inclusive, importante reivindicação dos trabalhadores do movimento operário do Sindicato dos Pedreiros, Carpinteiros e Demais Classe (SPCDC) de Salvador em 1919.

É possível visualizar mudanças significativas no movimento anarquista quando analisamos a inserção das ideias ácratas no início da primeira república e a partir dos anos 60. Aquele anarquismo ligado ao movimento sindical e ao trabalho de base entre operários, fortemente inserido nas grandes fábricas, ganha uma nova ótica quando retomado junto a onda contracultural emergida a partir de 1960. Como aponta Hardman:

²² “Jornal anarquista e anticlerical lançado na cidade de São Paulo em 1917 e extinto em 1951. Sob o comando de Edgard Leuenroth, o jornal A Plebe foi lançado no contexto da Primeira Guerra Mundial e da desestabilização dos salários e da vida dos trabalhadores. Em seu primeiro número, afirmava ser a continuação do periódico anticlerical A Lanterna e posicionava-se como um órgão dedicado à luta dos trabalhadores contra a opressão e a miséria no Brasil. Entre seus principais colaboradores estavam Astrogildo Pereira e José Oiticica.” Ver: DANTAS, Carolina Vianna Dantas. In: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro.

Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PLEBE,%20A.pdf> Acesso em: 15 maio. 2022.

“(...) houve uma ruptura entre o movimento anarquista que interveio na luta de classes até a guerra civil espanhola, início da II Guerra Mundial, e, posteriormente, as gerações que reaparecessem já nos anos 60 retomando propostas “anarquizantes” estando filiadas, contudo, não mais ao movimento operário e sim a movimentos radicais da pequena burguesia nas Universidades, nos meios artísticos nas manifestações da juventude na Europa e nos EUA, marcadas pelos signos de maio de 68 e Woodstock.” (Hardman, 1983, p. 76)

Podemos identificar essa inserção no campo da história das ideias (BARROS, 2007)²³, observando a forma como conceitos presentes em um movimento político e comportamental: a contracultura e as ideias anarquistas, se materializaram em um objeto específico: os textos da revista.

Cabe aqui compreender algumas questões pertinentes: Como o ideário anarquista chega ao coletivo *Barbárie* e qual a sua relação com a prática do coletivo e com os demais agentes sociais? De que modo as noções de cultura e contracultura se mostram inseridas nesse universo? E como também o fenômeno da contracultura influenciou as práticas, pensamentos e representações para o grupo de estudantes que produziam o periódico?

Em entrevista concedida ao blog história do anarquismo na Bahia²⁴, Hilda Braga, membro do coletivo de estudantes que produziam e editavam a *Barbárie*, fala sobre qual era a ideia da produção dos periódicos anarquistas e como eles estavam inseridos nos debates políticos dentro da universidade, Hilda participou do início da construção do Jornal *O inimigo do Rei* em 1977 e da *Barbárie* em 1979:

“Tinha um grupo inicial, que realmente se reunia e sistematicamente um dia na semana se encontrava, até formar e constituir, digamos assim, o jornal, efetivamente. (...) Então o Jornal começou dessa forma, todos, claro, inseridos dentro da universidade, a gente não tinha nenhuma base do sindicalismo, esse era um dos grandes questionamentos nossos também, a gente não tinha uma base sindical, não trabalhava, não existiam trabalhadores, então era um movimento realmente pequeno burguês, sem dúvida alguma saído da

²³ BARROS, José D'Assunção. História das Idéias – em torno de um domínio historiográfico. Locus: revista de história. Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 199-209, 2007.

²⁴ BAQUEIRO, Carlos. Revista *Barbárie* (III). História do Anarquismo na Bahia. Salvador- BA. 16 de fevereiro 2013. Disponível em: <https://anarquismonabahia.wordpress.com/page/2/>. Acesso em: 16 junho. 2022.

universidade, mas que nos preocupava muito, todo aquele contexto” (Hilda Braga. Entrevista. Acesso em: 13 de junho. 2022)

É importante observar o lugar social da maioria dos integrantes do coletivo: o de jovens de classe média com acesso à Universidade. No entanto, apesar do seu caráter acadêmico “O Coletivo Barbárie, na época, além de atuar no meio universitário estendeu suas ações para a luta nos bairros, principalmente, o bairro de Valéria e para a luta sindical, principalmente, no sindicato de trabalhadores rurais de Candeias e São Francisco do Conde” (NUNES, 2010)²⁵. Na entrevista Hilda sinaliza a participação de Antônio Mendes, sindicalista e idealizador do Instituto Socioambiental de Valéria (ISVA), como o único membro pertencente a classe trabalhadora do coletivo:

“O único trabalhador que a gente tinha, e que sempre foi, era o Antônio, Antônio realmente sempre foi a figura que né, dava algum respaldo pra gente, e fora o pessoal de São Paulo, mas aqui na Bahia sempre foi um movimento realmente muito pequeno burguês.” (Hilda Braga. Entrevista. Acesso em: 13 de junho. 2022).

A cultura anarquista dentro das universidades, também propiciou debates importantes sobre o que era o anarquismo, por muito tempo incompreendido, tendo seu pensamento associado a sinônimos como caos, desorganização, bagunça. A palavra “Anarquia” é compreendida dentro do imaginário social através dessas nomenclaturas:

“No caso anarquismo, adversários políticos e críticos podem, de acordo com seus interesses, negar qualquer possibilidade de que o significante “anarquismo” seja portador de significados positivos, buscando, pelo contrário, construir um sentido único, unívoco, universalizando-o como “desordem”, “caos”. (OLIVEIRA, 2021, p.160)

Dentro da universidade essa visão era prevalecida, especialmente devido aos embates políticos entre anarquistas e marxistas que discutiam projetos políticos e sociais que se confrontavam. Os anarquistas da *Barbárie* e do *O inimigo do Rei*, apontavam negativamente o papel do Estado no processo revolucionário e enquanto instituição de poder dentro da organização de uma

²⁵ NUNES, Eduardo. Revista Barbárie: revista de cultura libertária. ISVA- Instituto Socioambiental de Valéria. Salvador, 4 de maio 2010.

Disponível em: <http://isvainstitutosocioambientaldevaleria.blogspot.com/2010/05/revista-barbarie-revista-de-cultura.html>.. Acesso em: 10 junho. 2022.

sociedade, possuindo o enfrentamento crítico a organização dos movimentos de esquerda e a uma democracia liberal e parlamentar burguesa, esses embates são sinalizados por Hilda:

“E mexeu um pouco com o movimento universitário, aliais mexeu muito, mexeu bastante, a gente sofreu muito nessa época, de discussões, brigas com todo o pessoal, era frequente isso, na época, mas era bom, porque era um momento mesmo de briga, e a gente saía brigando mesmo (...) e quando nós começamos a publicar o jornal, foi então isso que deu maior força a gente e dentro da universidade os próprios estudantes começaram a perceber e a ver o anarquismo de uma forma diferente, não dentro daquela maneira pejorativa que os comunistas sempre estavam acostumados a lançar, então isso foi muito importante, porque o jornal realmente contribuiu para mudar isso, essa imagem, porque por mais que a gente falasse e discutisse, não era a mesma coisa de você ter uma literatura, todo um “degrão²⁶”, toda uma história de anarquismo que era totalmente desconhecido, aqui, na Bahia, ninguém conhecia, então o jornal serviu pra isso, para informar esses estudantes.” (Hilda Braga. Entrevista. Acesso em: 13 de junho. 2022)

É possível visualizar na historiografia, esses embates ideológicos em torno das concepções de organização social, liberdade e autoridade entre anarquistas e marxistas quando compreendemos a base de pensamento dos movimentos de esquerda em contraposição com as visões de organização de sociedade apresentadas por Proudhon, Stirner e Bakunin, pensadores anarquistas:

“Os anarquistas são negativistas²⁷, isto é, recusam o princípio de autoridade. Para Marx, pelo contrário, a hierarquia é central. Com graus diferentes, Proudhon, Bakunin e Stirner execraram a transcendência-imanência, a subalternização das pessoas a alguma entidade superior, vinda sob rótulo do Estado ou da razão.” (ARIÚS, 2007, p. 24)

²⁶ De acordo com a análise da entrevista e o sentido utilizado para a palavra nesse contexto, para Hilda Braga “degrão” seria uma organização, a ideia de que a revista possuía uma sistematização teórica muito bem organizada em torno do ideário anarquista, o que colaborava com essa desmistificação que foi citada, de que a cultura libertária é desorganizada, caótica, e que não possuía fundamentação teórica. Uma visão bastante orgânica do movimento que era disseminado e que ainda hoje é reverberado no imaginário social.

²⁷ Sobre negativismo, enquanto perspectiva analítica, ver Nascimento (2002, p. 72-82); Nascimento (2006, p. 39-66).

Enquanto filosofia e *práxis* o anarquismo defende um novo modelo de organização social, que vai de contra ao “modelo liberal de modernidade” (OLIVEIRA, 2021), e como sintetiza Bakunin:

“Os trabalhadores tendem, então, necessariamente, a uma transformação radical da sociedade que deve ter por resultado a abolição das classes do ponto de vista econômico tanto quanto político, e a uma organização na qual todos os homens nascerão, desenvolver-se-ão, instruir-se-ão, trabalharão e fruirão dos bens da vida em condições iguais para todos. Tal é o desejo da justiça, tal é, também, o objetivo final da Associação Internacional dos Trabalhadores. (Bakunin, 2016, p.74-75).

Enquanto definição podemos destacar positivamente a visão de Piotr Kropotkin publicada na 11ª edição da Enciclopédia Britânica (1910-1911):

“ANARQUISMO (do grego na – e arke, contrário à autoridade) é o nome que se dá a um princípio ou teoria que concebe uma sociedade sem governo, em que se obtém a harmonia, não pela submissão à lei, nem obediência à autoridade, mas por acordos livres estabelecidos entre diversos grupos, territoriais e profissionais, livremente constituídos para a produção e consumo, e para a satisfação da infinita variedade de necessidades e aspirações de um ser civilizado. Numa sociedade desenvolvida nessas linhas, as associações voluntárias que desde agora começam a abranger todos os campos da atividade humana atingiriam um campo ainda maior, de modo a substituírem o Estado em todas as suas funções.” (Kropotkin, 1987, p. 19)

Esses estudantes estavam mergulhados em torno do ideário anárquico, se reconhecendo enquanto anarquistas de fato e como aponta Oliveira (2021):

“Havia motivos de sobra para resistir. Nesse sentido, esses jornais/revistas eram animados pelo mesmo espírito que moveu a imprensa alternativa durante os anos de chumbo. E, mesmo sem fazer parte da sua “fase áurea” ou de seus representantes mais ilustres, mantiveram aquela motivação expressa por Millôr Fernandes” de não se deixar envolver de maneira nenhuma pelas ideias que estão em torno de você e que tendem a tolher de você uma visão verdadeira’ (OLIVEIRA, 2021, p. 158-159, apud FERNANDES. In: RioArte, 1987, p.12).

As mudanças ideológicas e culturais anarquistas não partiram de um sistema de ideias formulado por uma instituição, autor ou um grupo de indivíduos. Elas tiveram um caráter difuso. Dessa forma, os textos do periódico mostram uma sistematização específica desses conceitos, que deve ser entendida ao situar os textos no contexto social e histórico, em um diálogo entre os autores e o público da revista.

3.1 “Libere-se antes que anarquia tarde”²⁸: Contracultura e anarquismo na revista *Barbárie*:

Permeados pelo pensamento anarquista, a *Barbárie* também esteve inserida dentro de um fenômeno norteador de comportamentos e representações que impactou diretamente a segunda metade do século XX: a contracultura. Um primeiro entendimento sobre o que seria esse fenômeno é compreender de forma especial algumas abordagens acerca do que seria “cultura” e, logo depois, as concepções do que seria a contracultura e como esta, era presente no universo da revista.

Podemos entender a cultura a partir das noções de “representações” discutidas por Roger Chartier dentro da área de história-cultural, que tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17). Deste modo, a cultura entendida por Chartier está inserida em um conjunto de representações que competem entre si, gerando inúmeras “apropriações” dessas representações, de acordo com os interesses sociais, com as resistências e com as disputas políticas que se correlacionam. Ou seja, a cultura também está inserida em um espaço de disputa por poder.

Além de Chartier, temos Michel de Certeau que compreende a cultura de modo diversificado, criticando a visão definitiva em entender relações culturais de forma exclusivas, específicas de um grupo social, se concentrando em analisar a cultura como um conjunto de valores que condiciona a ação dos sujeitos na sua vida cotidiana (CERTEAU, 1980).

Quanto ao conceito de “contracultura”, alguns teóricos compreendem de diversas formas, aqui nos concentraremos em entendê-lo a partir de uma perspectiva histórica, ligada ao contexto da segunda metade do século XX, relacionando com o período de publicação da revista.

Seria um fenômeno social amplo e heterogêneo que aparece como crítica aos sistemas autoritários. Acerca desse movimento como também do seu próprio conceito, William Outhwaite e Tom Bottomore (1996) discutem em sua

²⁸ Poesia publicada na revista de número 3, ano II. Salvador-BA. 1980.

obra intitulada *Dicionário do pensamento social do século XX*, o que se considera como um movimento contracultural. Para eles esse conceito criado na imprensa, faz referência “aos valores e comportamentos da mais jovem geração dos anos 60, que se revoltava contra as instituições culturais dominantes de seus pais” (Outhwaite e Botomore, 1996, p.134) e que reverberaram por diversos setores sociais ideias libertárias, adentrando também nas universidades. Essa ótica está relacionada à transformação do campo das ideologias, vinculada a um contexto de mudanças nos costumes e, de forma mais ampla, a outras mudanças sociais e econômicas.

Na obra *Era dos extremos: o breve século XX* Eric Hobsbawn (2003)²⁹ fala em uma revolução cultural, que pode ser sintetizada em uma transformação nas relações entre os sexos e as gerações, dentro das casas e das famílias. Processo que se observa no questionamento da hierarquia dos pais sobre os filhos e dos homens sobre as mulheres; no declínio demográfico das famílias nucleares (cujos lares são compostos por um casal heterossexual e seus filhos); assim como no declínio do casamento formal e da restrição das relações sexuais e da parceria sexual aos quadros do matrimônio (e da criminalização do adultério).

Esse processo se deu nas décadas de 1960 e 1970, primeiramente nos países capitalistas desenvolvidos, se espalhando pelos países socialistas e pelos do Terceiro Mundo que atravessavam um período de modernização econômica e social.

É importante demarcar como as concepções de cultura e contracultura se interligam sendo materializadas com a publicação do periódico. Como pontua Oliveira (2021) ao evidenciar movimentos revolucionários da década de 60 que estavam em confronto direto com os aparelhos repressores do estado:

“Assim como os anarquistas da virada dos séculos XIX e XX, esses guerrilheiros da contracultura militavam também no campo cultural – nas artes, na educação e na imprensa. No passado, os operários ácratas fundaram centros de cultura social, escreveram/encenaram peças de teatro, publicaram inúmeros jornais e declamaram poesias. Nos anos 60/70, a militância política da nova juventude

²⁹HOBBSAWM, E. J. Sobre história: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. _____. Era dos extremos: o breve século XX :1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

também vinha amalgamada com sua própria arte: *rock*, cinema, artes plásticas, literatura, *happenings*...” (OLIVEIRA, 2021, p. 114)

Podemos identificar simbologias contraculturais em todas as edições da *Barbárie*, a última edição em especial, possui um artigo publicado por Marcus do Rio intitulado “anarquia e barbárie”³⁰, que discute justamente a temática da contracultura, fazendo uma correlação entre o pensamento anarquista e as concepções de contracultura compreendidas pelo membro do coletivo. A contracultura aparece no artigo como fenômeno norteador dos eventos políticos ligados as revoltas da juventude por todo o mundo a partir dos anos 60, como também é encarada de forma crítica, propondo discutir as relações entre a contracultura e os movimentos de resistência contemporâneos à época.

“Ora, cabem aqui algumas esclarecimentos. Primeiro, que a rigor a contracultura não pode ser considerada um *movimento*, sendo muito mais uma série de acontecimentos mais ou menos encadeados. Em segundo lugar, a luta de classes nunca foi um ponto central, mesmo para os setores politizados, como os “*yippies*”. Ao contrário, suas questões fundamentais giravam em torno do prazer. Do lúdico, da felicidade, e nesse sentido ela se aproximava muito mais de um certo tipo de socialismo utópico. A classe operária nunca foi o interlocutor da contracultura, assim como já não é mais também para o anarquismo contemporâneo.” (*Barbárie*. Salvador, Ano III, nº 5, 1982, p.50)

A crítica a contracultura a partir da perspectiva histórica e cultural anarquista entendida por Marcus do Rio, demonstra o papel de agente histórico enquanto intelectual orgânico³¹ de seu meio, a medida em que ele se responsabiliza não somente em pensar as bases de atuação do socialismo, mas também “despertar a consciência coletiva das classes oprimidas pelo capitalismo, pois o intelectual orgânico atua internamente ao sistema, buscando destituir ideologias em nome de uma nova concepção cultural emancipadora das massas.” (SOLER, 2017).

³⁰ *Barbárie*. Salvador, Ano III, nº 5, 1982, p.48.

³¹ Gramsci, A. (1997). Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BOB MARLEY,



VIVE

11 de maio/81

SEGUNDA DE BABALÃO

— PARTIU DESTA PRÁ OUTRA...

O PRETO BOB MARLEY,

SUCUMBINDO FÍSICAMENTE,

FRÁGIL VÍTIMA DE UM EFICIENTE

CÂNCER CÉREBRO-OCIDENTAL,

GASTOU-SE MUITA MORFINA NO LANCE...

TRISTE E IRÔNICA MANCHETE!

"NEGRO VEGETARIANO MORRE DE CÂNCER NO CÉREBRO"

— SIM, O MESMO QUE MATOU O XERIFE (I SHOT THE SHERIFF)

QUE FALOU DA SOBREVIVÊNCIA (SURVIVAL) E REBELIÃO (UPRISING)

AQUELE QUE CANTOU A LUTA ARMADA

E AFIDU OS ACORDES DO FACÃO... E SE FOI NUMA QUEBRADA, NÃO MENOS ESTRANHA,

POUCOS CANTARAM A COR, A LUTA E A RAÇA

COMO MARLEY, ELE JOGOU NA PRAÇA

A ESTRELA DO DESAFIO, SOMANDO A LUTA

AO PRAZER DE EXISTIR.

SORRIDENTE AO SE QUEIMAR NAS BRASAS QUE POR RODAS ROLAM

DESPREZANDO OS PINGOS E SOLOS DA AGULHA.

SE FEZ OUVIR NOS MICROFONES DOS PODEROSOS...

E O PIOR...COMO PRETO LEVANTOU AS MÃOS CHEIAS DE OSSOS.



godi

Figura 2 – Poesia “Bob Marley, Vive”.

Fonte: (*Barbárie*, Salvador, Ano III, nº 5, p. 52)



Figura 3 - Poesias diversas

Fonte: (Fonte: *Barbárie*, Salvador, Ano III, nº 5, p. 52)



Figura 4 – “Libere-se antes que anarquia tarde”

Fonte: (Barbárie, Salvador, ano II, nº 3, 1980)

Nas páginas da revista também é possível observar discussões em torno de movimentos ligados a mulheres, população negra e comunidade LGBT (lésbicas, Gays, Bissexuais e transexuais). Dos cinco números analisados, o periódico de número três foi o que mais discutiu pautas destinadas a esses movimentos. No artigo “Lutas de Libertação” escrito por Renato Carvalho, a crítica a organização partidária envolvida nas articulações políticas desses movimentos de minoria é evidenciada, numa visão anarquista, o autor sinaliza a importância de discussão dessas pautas:

“A nós anarquistas é importante entender a perspectiva libertária que esses movimentos assumem e, a partir daí, procurar apontar uma prática conjunta. A realização desse debate deve ser o início de uma convivência, que esse artigo procura entender” (Barbárie, Salvador, Ano II, nº3, p. 9)

O artigo foi construído em cima de algumas discussões retiradas a partir de um debate que aconteceu em São Paulo no dia 4 de janeiro de 1980, com o tema central “Lutas de Libertação”, organizado pelo movimento estudantil “vento novo”³², movimento de perspectiva libertária. Participaram desse encontro o *Movimento Mulheres*, com representantes dos jornais “*Brasil Mulher*” e “*Nós Mulheres*”, o Movimento Negro com os representantes do “Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial”, e representando o então “Movimento Homossexual”, o grupo “Somos”, um coletivo de homens e mulheres homossexuais formado em 1978 que tinham como principal pauta “a luta por uma sociedade que assume a igualdade” (CARVALHO, 1980).

Para além desse artigo, não é identificado na revista outras abordagens acerca desses movimentos de forma mais específica. O que se pode compreender é de que a revista se concentrava em discutir de forma especial o pensamento anarquista não focando tanto em abordar questões de outros movimentos revolucionários.

Fazendo uma análise de gênero, podemos considerar que Hilda Braga foi a única mulher que participou significativamente da produção do periódico e das discussões do coletivo. Dos artigos analisados na revista, de forma quantitativa, apenas um número possui autoria de uma mulher, quando Hilda Braga escreve conjuntamente com Eduardo Nunes e com outro colaborador de nome Jorge o artigo “Brasil: Os anarquistas Contra a Velha Autoridade” na *Barbárie* de número 4, ano de 1981.

³² A partir da análise da revista, além de ser um grupo formado por estudantes e que tinha como perspectiva política, o ideário libertário, não foi identificado mais informações acerca desse movimento no periódico.

4. “Quem tem medo?” A imprensa alternativa no processo de transição política.

A revista *Barbárie* está veiculada ao nicho de periódicos que fazem parte do que é denominado como “Imprensa Alternativa”. Levando em consideração o contexto ditatorial permeado pelo período de sua publicação e a perspectiva ideológica e política adotada pela revista, o grupo de estudantes escritores da *Barbárie* são representantes de setores ligados a imprensa que de forma contínua se opuseram aos arbítrios e violências exercidas pelo regime ditatorial vigente na época, se recusando até pelo seu caráter não empresarial a conciliar com o regime, assujeitando-se, como fez a grande imprensa a autocensura.³³ Nessa última parte do trabalho, portanto, trataremos dessa resistência intelectual e ideológica, impressa nas páginas da revista *Barbárie*.

Assim, a Imprensa Alternativa é compreendida de forma ampla por diversos pesquisadores, sendo que alguns adotam outros termos nomeando este tipo de imprensa como “nanica”, “marginal” e “underground”. Em todos eles, uma característica é bastante comum, a de “oposição ao regime”. A historiadora Maria Paula Nascimento Araújo define:

“A imprensa alternativa congregava jornais de vários tipos; a) jornais de esquerda (que se vinculavam tanto a jornalistas de posição quanto aos partidos e organizações políticas clandestinas); b) revistas de contracultura (que reuniam intelectuais e artistas “alternativos” ou “malditos” – os que produziam fora do esquema comercial); e c) publicações de movimentos sociais (englobando nesse campo o movimento estudantil os movimentos de bairro e, principalmente, um tipo específico de imprensa alternativa – aquela vinculada a grupos e movimentos de minorias políticas, como a imprensa feminista, a chamada “imprensa negra”, ou jornais de grupos homossexuais organizados, as publicações indígenas etc.). (ARAÚJO, 2000, p. 21)

Bernardo Kucinski, por sua vez, define o que seria essa imprensa e como esta está ligada a um processo que contribuiu para um maior interesse de grupos minoritários por uma participação política mais engajada:

“Durante os quinze anos de ditadura militar no Brasil, entre 1964 a 1980, nasceram e morreram cerca de 150 periódicos que tinham como traço comum a

³³ SMITH, Anne-marie. Um acordo forçado: O consentimento da imprensa à censura no Brasil. Pittsburgh: Fgv, 2000. 262 p.

oposição intransigente ao regime militar, ficaram conhecidos como *imprensa alternativa* ou *imprensa nanica*. A palavra *nanica*, inspirada no formato tabloide adotado pela maioria dos jornais alternativos, foi disseminada principalmente por publicitários [...]. Enfatizava uma pequenez atribuída pelo sistema a partir de sua escala de valores e não dos valores intrínsecos à imprensa alternativa. (...) Já o radical e alternativa contém quatro dos significados essenciais dessa imprensa: o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil e, finalmente, o do desejo das gerações dos anos 60 e 70, de protagonizar as transformações sociais que pregavam. (KUCINSKI, 1991, p. 8)

No período de publicação da *Barbárie*, O Brasil estava vivenciando uma das fases de um dos períodos mais conturbados da História do Tempo Presente.³⁴ Inaugurado em 1964 quando um golpe de Estado interrompeu o governo de João Goulart, deflagrando uma ditadura civil-militar que durou cerca de duas décadas.

A *Barbárie* surgiu então em 1979, no período que é denominado como transição política, processo que é entendido como de passagem do “autoritarismo” à democratização no sentido de construção de uma democracia liberal. O processo de transição política foi iniciado pelo governo militar e nas palavras de Golbery e Couto e Silva, chefe do Gabinete Civil da Presidência da República de 1974 a 1981 e um dos seus artífices, esta transição, que ele preferia chamar de abertura, deveria ocorrer de forma “lenta, gradual e segura”, conforme ocorreu nos governos de Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo. Contudo, como bem destaca a autora Maria Celina D’Araújo, a abertura começou como um projeto do governo, com autonomia e pelo alto, mas conforme foi anunciado à sociedade acabou se transformando em um processo, no qual diferentes forças sociais procuraram intervir no sentido de acelerá-lo rumo à

³⁴ A História do Tempo Presente surgiu como uma linha de pensamento utilizada para entender de forma etimológica o sentido do que seria a História Contemporânea. Aqui utilizo as concepções utilizadas por Carlos Fico levando em consideração de que o termo estaria relacionado “a possibilidade desse conhecimento histórico ser confrontado pelo testemunho dos que viveram os fenômenos que busca narrar e/ou explicar” (Fico, 2012). Portanto, o mais importante aqui é identificar de que a história estará ligada a uma memória viva, presente nos agentes que pertenceram ao período estudado, nesse caso a Ditadura-Civil-Militar no Brasil nos anos de 1964 a 1985.

democratização ou obstaculizá-lo no sentido de aumentar a repressão, como defendia o setor da linha-dura militar. Nesse sentido, concordamos com os autores Donald Share e Scott Mainwaring de que a abertura brasileira se caracteriza como um processo de “transição pela transação”, no qual o governo conseguiu negociar a mudança política com os setores moderados da sociedade civil, deixando de fora os setores considerados mais radicais, como a linha-dura militar e os movimentos de esquerda, que desejavam o retorno imediato da democracia e, ainda, discutiam o caráter da democracia a ser construída, se opondo a uma democracia liberal clássica e elitista e defendendo uma democracia mais popular e direta.

Sendo assim, as medidas de abertura ocorreram em meio a uma série de negociações estabelecidas pelo governo com setores da sociedade civil que possuíam projetos políticos distintos, sendo a principal medida a anistia política promulgada em 28 de agosto de 1979, que, ao contrário da reivindicação de alguns movimentos e entidades, não foi ampla, geral e irrestrita. Contudo, tais medidas possuíam um caráter de liberalização “havendo uma maior tolerância a oposição, menos censura nos órgãos de imprensa, liberação gradual de presos políticos e retorno dos exilados, existência de algumas salvaguardas jurídicas (habeas corpus por exemplo) e uma maior atuação política e social da classe trabalhadora”.³⁵

Contudo, ainda citando Donald Share e Scott Mainwaring esse processo não representou uma estratégia real de democratização, mas uma atenuação do autoritarismo sob o controle do governo, ou seja, à medida que se recuperava gradativamente os elementos clássicos de uma democracia liberal, se permitiria aos militares minimizar os desgastes de anos de fechamento e violência e, ainda segundo alguns analistas do período, essa transição que flertava com a democracia permitia ainda ao governo militar uma sobrevida no poder³⁶, ao passo que também possibilitava minimização das pressões dos setores de extrema direita e da oposição mais oposição mais à esquerda³⁷.

³⁵ ALVES, 2004, p.02

³⁶ ALVES, 2004; GOES, 1984, p.02.

³⁷ SILVA, Golbery do Couto, 1981.

Dentre as pressões estabelecidas pelos diversos setores da sociedade civil em meio à transição, se destacam aqui, os movimentos sociais, estudantis, de mulheres e trabalhadores da época. O Comitê Brasileiro pela Anistia, por exemplo, criado no início de 1978, de forma especial, participou desse processo de liberalização gradual surgindo com o propósito de “aglutinar os movimentos pela anistia e os demais movimentos sociais emergentes na década de 1970, impedindo que a medida, no caso a anistia, tivesse um caráter restrito e favorável aos agentes do Estado de exceção.”³⁸

Outra força social e política importante foi a imprensa, à medida que se deteriorava de forma atenuada os mecanismos de censura, como a censura prévia, por exemplo, ela contribuía para um maior controle dos órgãos de segurança e da burocracia estatal.³⁹ Vale notar ainda, que, conforme demonstra Celina Duarte, Geisel se utilizou da redução da censura para usar a imprensa a seu favor no que tange ao controle dos mencionado órgãos de segurança e, também, para controlar a corrupção, permitindo que a imprensa passasse a denunciar mortes nas prisões do Estado, como a do jornalista Vladimir Herzog em outubro de 1975 e do operário Manuel Fiel Filho em janeiro de 1976 e casos de corrupção existentes no setor administrativo estatal, o que também contribuiu para legitimar o processo de abertura guiado pelo governo Geisel junto à parte da população.

Essa liberação também se tornou importante nas eleições legislativas de 1974, permitindo à oposição, livre acesso aos meios de comunicação e contribuindo no processo de mobilização em prol da redemocratização, a partir das críticas e denúncias ao regime militar. Com essa dinamização dos setores da comunicação, os jornais e revistas alternativos ganharam destaque, criando uma rede de circulação entre os movimentos estudantis da época e permitindo que uma revista como a *Barbárie* pudesse existir.

Nesse sentido em seu nascedouro a *Barbárie* usufruiu de maior liberdade, mesmo que sua visão política estivesse alijada ao processo de

³⁸ LUNA, 2017, p.1.

³⁹ Ver Duarte, Celina Rabello (1987), *Imprensa e Redemocratização no Brasil: Um Estudo de duas Conjunturas, 1945 e 1974-1978*, dissertação de mestrado, Programa de Estudos de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

transição pela transação desencadeado pela relação de forças moderadas do governo com forças moderadas da sociedade civil. Contudo, a revista se posicionava em relação a abertura, criticando seu caráter consensual e conservador. Em seu primeiro número, a revista, por exemplo, discutiu o caráter limitado da anistia e da abertura, no artigo intitulado “Manifesto Barbárie: ACM Demite e Tortura” ao apontar a arbitrariedade política do até então líder do estado da Bahia Antônio Carlos Magalhães, e o seu posicionamento político acerca da marginalidade na cidade:

“Essa nova democracia brasileira” ao “anistiar” os exilados e abrandar as torturas dirigidas aos presos políticos se volta – com o mesmo aparato de terror - contra os 30 e 40 milhões de esfomeados e analfabetos que ainda não tem nenhum meio de dar a seu descontentamento uma expressão política. “Vamos à caça do marginal”. – Eis o objetivo máximo do “nosso” representante “biônico”, ilustre porta-voz do sistema:” (Barbárie, Salvador, Ano I, nº1, p. 28)

Ao decorrer do artigo é possível visualizar que para aquele grupo de anarquistas, a abertura política que se iniciava com o projeto de anistia não fazia parte do que eles entendiam como democracia:

“Esse manifesto contra a arbitrariedade do Governador deste Estado, mais do que a nossa preocupação com os milhares de analfabetos e esfomeados que compõem nossa realidade, traz agora um gosto muito especial. “Um gosto de “anistia”, após ter passado pela censura do Presidente da mesa que organizou a festa de um (1) ano de aniversário da fundação do Comitê Brasileiro pela Anistia-Núcleo Bahia. Entendemos por Anistia, como um espaço bastante amplo a ser adquirido na democracia, desde que não se limite ao campo político partidário milhares de prisioneiros, vítimas das condições sociais e econômicas”. (Barbárie, Salvador, Ano I, nº1, p. 28).

As decisões tomadas por ACM como a demissão de vinte mil funcionários do estado e a proposta de implementação de uma política de controle a violência voltada ao extermínio da população considerada como “marginal, é o alvo de crítica da *Barbárie*. Para além da visão crítica a respeito da administração exercida pelo até então líder do estado, a revista compartilhava também, de forma específica, seu descontentamento ideológico em torno do que compreendiam como a “anistia” e a “abertura democrática” :

“Atualmente, esse próprio regime que torturou e esmagou a maioria do povo brasileiro, fala, como se nada tivesse acontecido em “abertura democrática” e até o mesmo em “anistia”. _ Parece até piada” (...) A história, especificamente a do Brasil, nos mostra clara e distintamente que há 479 anos somos um povo

escravizado, explorado, exterminado e ao mínimo de reclamação, violentamente reprimido. Como se ainda fosse pouco, ideologizados pela família, pelo Estado, pelo patrão. Isto tudo, em nome de uma “democracia”, que não existe, nunca existiu e se não lutarmos, nunca existirá”. (Barbárie, Salvador, Ano I, nº1, p. 3).

Para a *Barbárie*, não era relevante os projetos políticos que estavam sendo desenvolvidos e discutidos pelos diversos setores do período, enquanto anarquistas, criticavam toda a conjuntura social, levando em consideração o ideário anarquista que defendiam.

5. Considerações Finais:

O que se verificou através da leitura da bibliografia existente a respeito das produções sobre a imprensa alternativa no período da ditadura civil-militar, é que os periódicos de cunho anarquista são os menos estudados. Ainda assim, as investigações em relação a atuação desses grupos libertários, tem se concentrado especialmente em entender suas ideias-base e a sua relação com o movimento da contracultura e ideário anarquista no Brasil. Isso se explica pelo fato de que, com a análise dos estudos sobre a imprensa anarquista evidenciada através da *Barbárie*, foi possível perceber uma certa heterogeneidade no que se diz respeito a organização e disseminação do ideário libertário através da imprensa. Como demonstra Oliveira: “Esses grupos foram divididos em dois: os que se reivindicavam anarquistas e por isso seus periódicos possuíam uma abordagem específica que estaria de acordo com os principais ideários anárquicos e os que eram identificamos como os chamados “movimentos de contracultura” dos anos 60/70.” (OLIVEIRA, 2007, p.1)

Foi possível visualizar como tais grupos possuíam uma considerável contribuição de periódicos, o que permitiu compreender de forma mais ampla como a revista se relacionava ao contexto de abertura política e a sua relação com os movimentos de esquerda universitários.

Com a relativa abertura do regime, *O inimigo do Rei* e a revista *Barbárie* surgem, o primeiro, por sua vez, configurando-se como um jornal que trazia uma linguagem bem humorada, engajada e com forte característica contracultural. A revista *Barbárie* possuía uma linguagem semelhante, trazendo discussões acerca do anarquismo e um extenso espaço para discussões filosóficas que discutiam o papel do poder, o Estado e das instituições.

A *Barbárie* possuía uma linguagem mais contundente em relação a prática anarquista, possuindo artigos que traziam uma criticidade mais rebuscada aos temas abordados, além de possuir enquanto coletivo uma participação dentro de demais articulações políticas envolvendo os movimentos de bairro, naquele contexto de abertura política e “anistia”, momento em que os “grandes nanicos” (aqui se concentra a imprensa de jornais alternativos de esquerda) “se celebrizaram pela defesa das “instituições democráticas”, pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e pelo retorno dos exilados políticos” (OLIVEIRA,

2007, p. 11). Além disso, a *Barbárie* se posicionava contra algumas bandeiras do movimento de esquerda, tendo como base, é claro, o ideário anarquista, tecendo críticas à esquerda e a democracia parlamentar burguesa.

A *Barbárie*, portanto, fez parte do setor da sociedade civil que foi representado por estudantes universitários, que através da revista, defendiam um ideário de democracia voltado aos principais ideários anarquistas em dicotomia com as visões defendidas tanto pelos movimentos de esquerda da época, que defendiam a existência de um Estado e de uma hierarquia, quanto pelos setores moderados do governo e demais setores moderados da sociedade civil. A falta de recurso financeiro foi o principal motivo para o fim de sua circulação, o que não impediu através dos exemplares existentes, que a memória e o pensamento de seus criadores reverberassem, em especial por meio da bibliografia a respeito dos estudos sobre imprensa alternativa e contracultura, sua contribuição histórica e cultural.

Por outro lado, a revista *Barbárie* nos mostra que ao largo da vitória do governo, que conseguiu conduzir o processo de abertura, garantindo o retorno pacífico dos militares aos quartéis e o estabelecimento de uma democracia liberal governada por antigos apoiadores do regime, como, por exemplo, Antônio Carlos Magalhães na Bahia, outros pensamentos políticos se colocavam naquela conjuntura, pensando soluções para o país e para a sociedade brasileira, que, mesmo que derrotada, serviram para impulsionar outras lutas que se fizeram presentes na formação da Nova República a partir de 1985, na formação da Assembleia Constituinte e na elaboração da Constituição de 1988 e na continuidade de diversas lutas pela liberdade que persistem até os nossos dias.

6. Referências:

ABREU, Alzira Alves de (org.) (1996), *Imprensa em Transição: O Jornalismo Brasileiro nos Anos 50*, Rio de Janeiro, Editora FGV.

ALVES, 2004; GOES, 1984, p.02.

ALVES, Maria Helena. Estado e Oposição no Brasil (1964-1984). Petrópolis: Vozes, 1984

BAQUEIRO, Carlos & NUNES, Eliene (org.). O inimigo do rei. Imprimindo utopias anarquistas. Rio de Janeiro: Achiamé/Núcleo de Pesquisas Marques da Costa, 2010.

BLOCH, Marc. Apologia da História. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

CASTORIADIS, Cornelius. O mundo fragmentado. As encruzilhadas do labirinto, v. III .Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987-1992.

CERTEAU, Michel de. "A operação historiográfica" in A Escrita da História, Rio de Janeiro: Forense, 1982. p.65-119.

CHARTIER, Roger. A História Cultural – entre práticas e representações, Lisboa: DIFEL, 1990.

CODATO, Adriano. Uma história política da transição brasileira: da ditadura militar à democracia. Revista de Sociologia e Política (UFPR. Impresso), Curitiba - PR, v. 25, p. 83-106, 2005

D'ARAUJO, Maria Celina, e Celso Castro (orgs.) (1997), *Ernesto Geisel*, Rio de Janeiro, Editora FGV.

DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado*. Ação Política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981.

DUARTE, Celina Rabello (1987), *Imprensa e Redemocratização no Brasil: Um Estudo de duas Conjunturas, 1945 e 1974-1978*, dissertação de mestrado, Programa de Estudos de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Fico, Carlos (1997), *Reinventando o Otimismo: Ditadura, Propaganda e Imaginário Social no Brasil*, Rio de Janeiro, Editora FGV.

FICO, Carlos. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro. *Varia hist.* [online]. 2012, vol.28, n.47.

GRAMSCHI, A. (1997). Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

GUATTARI, F. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1977.

LUNA, Cristina. *A transição política e suas implicações na Nova República brasileira*. 2014.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão! Vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HOBSBAWM, Eric, *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric. O Presente como história. In.: HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários. Nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1991.

LUNA, Cristina Monteiro de Andrada.

MALATESTA, Errico. *La propaganda anarquista*. In: RICHARDS, Vernon(org.). *Malatesta. Pensamiento y acción revolucionarios*. Buenos Aires: Tupac Ediciones, 2007, p. 169-173.

OLIVEIRA, João Henrique. *Do Underground brotam fores do mal. Anarquismo e contracultura na imprensa lternativa brasileira (1969-1992)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

OLIVEIRA, João Henrique. *Páginas revolucionárias: anarquismo, contracultura e imprensa alternativa no Brasil*. 1. ed. _ Rio de Janeiro: Rizoma, 2021.

PAGANOTTO, Waldir. *Imprensa alternativa e anarquismo: "O Inimigo do Rei" (1977- 1988)*. Dissertação (Mestrado em História). Assis: Unesp, 1997.

RAYMOND, Aron. *Les désillusions du progrès*. Paris: Calmann-Lévy, 1969.

SHARE, Donald; MAINWARING, Scott. "Transição pela Transação: Democratização no Brasil e na Espanha". *Dados*, vol.29, nº2, 1986.

SILVA, Golbery de Couto e. *Conjuntura Política Nacional: O poder Executivo & Geopolítica do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1981.

SMITH, Anne-Marie (2000), *Um Acordo Forçado: O Consentimento da Imprensa à Censura no Brasil*, Rio de Janeiro, Editora FGV.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa, v. I*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, John B. (1998), *A Mídia e a Modernidade: Uma Teoria Social da Mídia*, Rio de Janeiro, Vozes.

WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das ideias e movimentos libertários*. 2 vols. Porto Alegre: L&PM, 2002.

WOODCOCK, George. *História das ideias e movimentos anarquistas. Vol. II: O movimento*. Porto Alegre, L&PM, 2002.

6.1 Referências complementares:

Periódicos:

BARBÁRIE, n 1 (jul.1979) a n. 5 (1982)

BARBÁRIE, n 2, (1979)

BARBÁRIE, n 3, ano II, (maio. 1980)

BARBÁRIE, n 4, (1981)

BARBÁRIE, n 5, ano III, (1982)

O INIMIGO DO REI. n 1 (out. 1977) a n.22 (mar/abr.1988).

Entrevistas obtidas de fontes secundárias:

NUNES, Eduardo. Foucault, Barbárie e outros ismos. [12 abr. 2019]. *Youtube*. Canal da Biblioteca Emma Goldman. Disponível em: https://youtu.be/w9_6dTUX21w.

LIPER, Ricardo. Foucault na Bahia: a liberdade nunca é demais. [3 março.2015]. *youtube*. Labedisco UESB/CNPq. Disponível em: <https://youtu.be/V033HEFLmpk>. Acesso em: 19 junho. 2022.

NUNES, Eduardo. Foucault na Bahia: a liberdade nunca é demais. [3 março.2015]. *youtube*. Labedisco UESB/CNPq. Disponível em: <https://youtu.be/V033HEFLmpk>. Acesso em: 19 junho. 2022.

BRAGA, Hilda. Revista Barbárie (III). História do Anarquismo na Bahia. Salvador-BA. 16 de fevereiro 2013. Disponível em: <https://anarquismonabahia.wordpress.com/page/2/>. Acesso em: 16 junho. 2022.

Vídeos:

O INIMIGO DO REI: Imprimindo Utopias Anarquistas(documentário). Carlos Baqueiro & Eliene Nunes. 22 min. Disponível em: <https://youtu.be/QF8xZrFqxgEg>. Acesso em: 15 jun. 2022.

Sites:

Blog História do Anarquismo na Bahia. <https://anarquismonabahia.wordpress.com/Centro> de Cultura Social (SP). <https://ccssp.com.br/>

Centro de Pesquisa e Documentação e História Contemporânea (CPDOC)- Fundação Getúlio Vargas (FGV). <http://www.cpdoc.fgv.br>

Arquivos digitais:

Foram concedidos por Carlos Baqueiro uma pasta digital contendo todos os números da revista:

https://drive.google.com/drive/folders/0B3JclovT5WozfjQycG1qUW5VVHRjaWtDU1RRLUtMNV96YTRyZGs0YmxKRFRpLXVmQnQ5T2M?resourcekey=0-i9XAqZ03th_wSsQ7m7Kyjw&usp=sharing

Biblioteca Digital Unesp- acervo digitalizado de *O inimigo do Rei*

<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26346>.

Fontes das figuras:

Figuras 1, 2 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9: pasta digital contendo os números da revista.

Figura 10: Biblioteca Digital Unesp- acervo digitalizado de *O inimigo do rei*.

7. Anexos:



Figura 5: Capa da primeira edição da *Barbárie* lançada em 1979.



Figura 6: Capa da segunda edição da *Barbárie*, verão de 1979.



Figura 7: Capa da terceira edição da *Barbárie*, ano de 1980.



Figura 8: Capa da revista de número 4, ano de 1981.



Figura 9: Capa da última edição da revista, publicada em 1982.

O Inimigo do Rei

O INIMIGO DO REI - ENFIM, UM JORNAL ANTIMONARQUISTA - Nº 1 - ANO I - OUTUBRO DE 1977. C/5 3

COMO PINTAR UM PÁSSARO

Jacques Prevert

Pinte primeiro uma gaiola
com a porta aberta.
Em seguida pinte
alguma coisa graciosa,
alguma coisa simples
ao pássaro. Depois,
alguma coisa útil . . .
ao pássaro. Depois, coróque a tela contra uma árvore
no jardim,
no
bosque
ou na floresta
e escondo-se atrás da árvore
sem dizer nada,
sem se mexer
às vezes o pássaro chega logo,
mas pode levar muitos, muitos anos
até se resolver.
Não desanime,
espere
se preciso, durante anos.
A velocidade ou a lentidão da chegada
do pássaro não tem a menor relação
com a qualidade da pintura.
Quando ele chegar (se chegar)
mantenha o mais profundo silêncio,
espere que ele entre na gaiola. Depois que entrar, feche
levemente a porta com o pincel.
Aí então apague uma por uma todas as varetas,
(Cuidado para não esbarrar em nenhuma pena do
pássaro). Finalmente pinte a árvore, /reservando o mais
belo de seus ramos ao pássaro.
Pinte também a verde folhagem e a docura do ven-
to, a poeira do sol, o rumorão dos bichinhos da relva no
calor da estação. Depois, aguarde que o pássaro se deci-
da a cantar. Se ele não cantar,
mas sinal:
sinal de que o quadro não presta.
Mas bom sinal, se ele canta; /sinal de que você pode
assinar o quadro.
Então retire suavemente
uma pena do pássaro
e escreva seu nome a um canto do quadro.
(trad. Carlos Drummond de Andrade)

Intelectuais,
Mistificação
e Poder
(Páginas 6 e 7)

Federação livre
de estudantes
(Página 10)

A democracia
outorgada
(Página 9)

Universidade
(Página 3)

"Há uma ambição que deveria ter todos
os escritores: ser testemunha e gritar
toda vez que se possa e na medida de
nosso talento, por quem se
encontra em servidão"
(Albert Camus)

Figura 10: 1º edição do Jornal *O inimigo do rei* publicada em 1977.